

COESÃO REFERENCIAL E EXPRESSÕES ANAFÓRICAS: UM ESTUDO DE CASOS

Franciane de Freitas (Autora)
Sergio Menuzzi¹ (Orientador)

Resumo: Este artigo pretende analisar a relação existente entre o referente e as expressões anafóricas de um texto – elementos estes responsáveis pela continuidade tópica – com base em exemplos selecionados em periódicos. Na análise dos problemas de retomada, utilizamos sete casos do livro “Anticelulite” (2012) para mostrar de que forma a utilização equivocada de expressões anafóricas e os erros de construção interferem na compreensão de uma frase e, por conseguinte, no todo textual.

Palavras-chave: expressões anafóricas; coesão textual; problemas de anáfora; análise de casos.

Introdução

A proposta deste artigo é analisar e refletir sobre o uso de expressões anafóricas em textos de jornais e livros, servindo de apoio para aqueles que pretendem escrever de forma coesa. Aqui não queremos apenas apontar alguns dos erros mais comuns na aplicação das retomadas anafóricas, mas analisá-los e propor soluções que possam contribuir com produções textuais mais claras e objetivas.

Todos os dias o revisor depara com inúmeros erros em textos nas mais diversas plataformas (on-line, impresso, etc.), e um dos problemas recorrentes é a aplicação

¹ Professor da 7ª Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

inadequada das expressões que retomam referentes. Esse tipo de “defeito” no texto compromete a continuidade textual e, certamente, a compreensão.

Ao tratar das expressões anafóricas, conceituaremos o que são as anáforas, analisaremos aquelas já classificadas e conhecidas pelos estudiosos da língua portuguesa e mostraremos exemplos de expressões anafóricas usados de forma adequada e inadequada por periódicos. Além disso, apresentaremos sete casos extraídos e selecionados do livro “Anticelulite”, revisado pela autora deste texto, procurando analisar os seguintes itens: o porquê da geração de ambiguidade, o tipo ou os tipos de anáfora, a melhor expressão anafórica a ser empregada para deixar a frase clara e contínua, quais expressões geram outras interpretações e quais seriam essas interpretações. Esperamos que este artigo possa contribuir para demonstrar a utilidade do estudo dos problemas textuais sob a ótica de suas relações de “coesão referencial”.

2. Gramática e seus tipos e a influência na referenciação

Nesta seção temos o objetivo de discorrer sobre referenciação, mas não sem antes fazer uma breve menção aos tipos de gramática. Para começar é importante que saibamos que além da gramática normativa também existem a descritiva, a histórica e a comparativa. Cada uma tem o seu papel quanto ao estudo da língua. Nesse ponto, nos deteremos nos conceitos de gramática descritiva e normativa. A descritiva ocupa-se com o funcionamento da língua (fala e escrita) e suas variações regionais, descrevendo e investigando fatos. A preocupação concentra-se no uso da língua. Já a gramática normativa é a que se preocupa com a padronização da língua, estabelecendo as regras do falar e escrever corretamente com base no que os gramáticos consideram como língua de prestígio. É comumente encontrada em sala de aula e em livros didáticos; normalmente, não é o tipo de gramática que os linguistas têm em mente, inclusive nos estudos de coesão; mas algumas das preocupações deste artigo são similares às da gramática tradicional, na medida em que também discutiremos casos buscando a melhor expressão – portanto, num certo sentido, também “normatizando”.

Em resumo, numa compreensão racional do que é ou deveria ser uma gramática normativa, a compilação de regras que estão presentes nela tem a função de servir para que

possamos nos comunicar tanto na fala quanto na escrita segundo certos padrões convencionalizados e adotados como referência por uma certa comunidade. Evidentemente, a compreensão de senso comum tende a exceder-se no que entende ser o papel desta gramática. Por exemplo, segundo o DICIONÁRIO Aulete, a gramática normativa “estuda os elementos de uma língua a partir de normas que não podem ser transgredidas e que determinam o que usar e o que não usar, como e como não usar, estabelecendo com isso um padrão de correção a ser observado no que se considera falar e escrever bem”.

Na verdade, como os linguistas apontam, quando estudada detalhadamente, basicamente qualquer variedade de língua será regida por regras – ainda que não explícitas, e portanto não imediatamente “visíveis”, como aquelas consagradas por uma tradição gramatical de séculos. Isto é, toda variedade de língua terá uma “gramática”, ainda que esta não apareça em um livro. E para que precisamos todos – mesmo aqueles falantes que não seguem uma variedade normatizada por convenção – de uma “gramática”? A autora Maria Helena de Moura Neves tem uma boa explicação para isso. De acordo com ela, as pessoas falam – todas, falem elas de acordo com alguma norma padronizada ou não – com o objetivo de dar sentido àquilo que dizem. Ao estudarmos “gramática”, examinamos os usos que fazemos da língua. Mas há, é claro, outras considerações, como esclarece ainda Moura Neves:

Não vou entrar nessa questão da norma, a não ser para dizer que a escola tem a obrigação, sim, de manter o cuidado com a adequação social do produto linguístico de seus alunos, isto é, ela tem de garantir que seus alunos entendam que têm de adequar registros e ela tem de garantir que eles tenham condições de mover-se nos diferentes padrões de tensão ou de frouxidão, em conformidade com as situações de produção. Isso é obrigação da escola (NEVES apud AZEVEDO, 2010, p. 52).

Embora se ensine na escola que o correto é o que está na gramática, é necessário insistir que a norma é um padrão de referência que pode ou não ser seguido pelos falantes. Tudo vai depender do grau de formalidade e exigência de cada situação e do meio utilizado para se comunicar. Por exemplo, sabemos que cada plataforma de comunicação exige um grau maior ou menor de formalidade, portanto, um jornalista vai escrever de modos diferentes um e-mail para um amigo, uma mensagem no Facebook, um artigo ou uma reportagem. Ainda seguindo o raciocínio de Moura Neves:

Falar e escrever bem é, acima de tudo, ser bem-sucedido na interação. E isso ocorre de maneiras bastante diferentes, como diferentes forem as situações de comunicação e as funções privilegiadamente ativadas: é levar alguém a agir, se era isso o que o falante pretendia (e agir do modo como ele

pretendia), é fazer alguém acreditar, se isso era o necessário no momento (NEVES apud AZEVEDO, 2010, p. 54).

Embora a gramática normativa não seja levada muito a sério pela maioria dos alunos, é a partir dela que podemos estabelecer processos comunicativos padronizados, independentes de variações regionais, individuais, etc. E, numa sociedade impessoal, em que a interação depende de convenções sociais universais, se comunicar sem saber algumas regras básicas tanto da fala quanto da escrita de prestígio nesta sociedade pode ser um problema. É isso o que revelam alguns recrutadores, por exemplo. Segundo eles, nas seleções de emprego muitos candidatos são eliminados por não saber “se comunicar adequadamente” – isto é, de acordo com alguns deles, elementos são percebidos como parte da “norma da língua”. E não é só isso: cada vez mais as empresas estão preocupadas com a forma como o candidato se expressa no papel. Pessoas com essas habilidades acabam se destacando no mercado de trabalho. Saber utilizar adequadamente pronomes, crases, hífen e conhecer a grafia correta das palavras ajuda. E entre esses itens está também a referenciação: o bom uso das expressões anafóricas está se tornando objeto de análise inclusive nos concursos. Ao estudarmos os elementos anafóricos estamos fazendo um exercício de como podemos nos comunicar melhor, evitando falhas nos processos comunicativos.

Abaixo segue uma charge do Tacho que exemplifica um tipo de falha nos circuitos de interação social resultante do emprego inadequado de um elemento de referência, mostrando a não recuperação da informação por um dos interlocutores.



Fonte: Correio do Povo, 21 jan. 2014

Quantas vezes deixamos de compreender informações devido ao ruído na comunicação? A questão é que esse ruído pode ocorrer por vários fatores: no caso da charge, vemos que o uso do pronome *ele* gera ambiguidade para o sujeito de azul, que pergunta se o pronome *ele* se refere ao *biquíni* ou ao *PIB*. E por que o pronome *ele* estaria associado ao *PIB*? É provável que os dois personagens da charge estivessem dialogando não apenas sobre os biquínis que estão cada vez menores (contexto situacional ou endofórico), mas também sobre os números do PIB (contexto exofórico) – e, aparentemente, não havia diferença significativa de “saliência contextual” entre os dois assuntos. Nesse caso não houve a exata recuperação da referência do pronome *ele*, usada pelo sujeito à esquerda, pois as duas opções elencadas pelo sujeito à direita são interpretações cabíveis no contexto.

Segundo Neves (apud AZEVEDO, 2010, p.64), “ao se estudar o funcionamento da linguagem, o que está em questão são prioritariamente os processos, e é a compreensão deles que governa a compreensão dos arranjos dos itens que os expressam adequadamente”. A autora cita um trecho do texto “Já não se fazem pais como antigamente”, de Lourenço Diaféria, para ilustrar o processo de retomada anafórica:

O filho entrou na sala, acanhado diante do artefato estranho: era um boneco, perfeitamente igual a um homem adulto. Ø Tinha cabelos encaracolados, encanecidos nas têmporas, Ø usava Trim, desodorante, Ø fazia a barba com gilete ou aparelho elétrico, Ø sorria, Ø fumava cigarros kingsize, Ø bebia uísque, Ø roncava, Ø assobiava, Ø tossia, Ø piscava os olhos – às vezes um de cada vez –, Ø assoava o nariz, Ø abotoava o paletó, Ø jogava tênis, Ø dirigia o carro, Ø lavava pratos, Ø limpava a casa, Ø tirava o pó dos móveis, Ø fazia strogonoff, Ø acendia a churrasqueira, Ø lavava o quintal, Ø estendia a roupa, Ø passava a ferro, Ø engomava camisas, e dentro do peito Ø tinha um disco que repetia: (...) (NEVES apud AZEVEDO, 2010, p .64).

Nesse excerto é possível compreender que onde há as elipses também há a recuperação do sujeito, nesse caso, “o boneco”. Ou seja, tanto um pronome pessoal quanto uma elipse do sujeito ou quanto, digamos, um pronome demonstrativo são responsáveis pela recuperação de um elemento responsável pela sequência do texto, embora o uso de um ou de outro elemento seja motivado por razões diferentes. A partir de agora, estudaremos com mais detalhes o que são as expressões anafóricas, elementos estes tão importantes para a continuidade textual e oral.

3. O que é um termo anafórico?

Considere o texto abaixo:

Ex.1 – **Abel Braga** assistiu toda a partida do Inter contra o São Luiz. E \emptyset **gostou** do rendimento da equipe colorada, que estreou no Campeonato Gaúcho 2014 com vitória por 2 a 0. \emptyset **Rodeado** por microfones, \emptyset **suando**, **o técnico** elogiou o time Sub-23 (VITÓRIA..., 2014, p. 23).

Ao analisarmos os elementos em negrito assinalados na notícia, vamos notar que eles apresentam uma relação, uma ligação de sentido. Nota-se que há duas coisas a serem distinguidas: as coisas das quais falamos – os referentes de um texto – e as expressões (inclusive as implícitas) que usamos para nos referir aos referentes do texto. Quando um sintagma nominal ou expressão nominal menciona pela primeira vez um referente num texto, temos a *evocação* desse referente por meio daquele sintagma/expressão. E quando voltamos a nos referir a esse referente inicial por meio de uma outra expressão nominal, temos a *retomada* do referente, um processo chamado de *anáfora*. A expressão que o realiza é uma *expressão anafórica*; já a expressão anterior – isto é, a que referira ao mesmo referente pela última vez – é conhecida como *antecedente* da expressão anafórica. A relação que existe entre a expressão anafórica e seu antecedente é normalmente descrita como uma relação de *correferência*. Em resumo, os sintagmas nominais são as estruturas textuais utilizadas para evocar e retomar entidades referidas em um texto.

Portanto, quem é evocado e retomado é um referente do discurso, e as expressões servem para evocar esse referente ou para retomar um referente já previamente evocado. No caso do Ex.1 acima, o *antecedente* linguístico (diferente do referente, que é o objeto do discurso) do sujeito implícito de *gostou* é o nome próprio *Abel Braga*; mas o *antecedente* linguístico da descrição *o técnico* não é o nome próprio, e sim o sujeito oculto de *gostou*.

Vejamos que ao introduzir novas expressões nominais o autor do texto também insere novas informações, como é o caso de *Abel Braga* e *o técnico*. Para os mais desinformados sobre assuntos de futebol, a evocação *Abel Braga* poderia estar associada a um observador ou torcedor da equipe colorada. Mas ao introduzir o termo anafórico *o técnico*, o jornalista esclarece para um leitor potencialmente desinformado quem é *Abel Braga*.

A estrutura referencial é a base para a interpretação de textos, diálogos, etc. Abaixo, explicitamos a relação de referência de cada termo anafórico com a expressão nominal que serve para introduzir o referente pertinente no texto – o nome próprio *Abel Braga*.

- a) Nome próprio *Abel Braga* – evoca/dá acesso ao referente *Abel Braga*, técnico do Inter.
- b) Sujeito implícito de *gostou* – retoma o referente a partir do nome próprio (que é, portanto, seu antecedente).
- c) Sujeitos implícitos de *rodeado* e *suando* – retomam o referente a partir do sujeito principal da frase, a descrição *o técnico* (que é, portanto, seu antecedente).
- d) Descrição *o técnico* – retoma o referente a partir de sua última menção prévia, o sujeito de *gostou* (que é, portanto, seu antecedente).

“*Ana-pherein* significa ‘levar para o alto’. Na leitura, isso representa ‘para a esquerda’ e ‘para a parte superior do texto’. Já *cata-pherein* tem o sentido de ‘levar para baixo’, ‘para a direita’ e ‘para a parte inferior do texto’”, conforme cita Adam (2011). No texto acima, são casos de catáfora a determinação dos referentes dos sujeitos implícitos de *rodeado* e *suando*.

Dooley e Levinsohn (2003) dizem que quanto mais alto é o “estado de ativação” de um referente para um interlocutor, menos material de codificação é necessário para que o falante faça referência (seja para primeiro acesso, seja para retomada) àquele referente. Vejamos a comparação que fazem entre texto e teatro.

Em terminologia tradicional em análise de narrativa, fala-se de participantes como sendo “introduzidos”, “mantidos no palco” e “dispensados”; depois de “dispensados”, eles podem a uma certa altura ser “reintroduzidos” ou “trazidos de volta ao palco”. Em termos gerais podemos dizer que os participantes são ativados (ou reativados), mantidos em estado ativo e desativados. (...) No entanto, a desativação frequentemente não requer mecanismos formais. Portanto, o participante central da história, uma vez ativado, tipicamente requer codificação mínima, enquanto referentes de interesse transitório (como objetos de cenário) são frequentemente assinalados por locuções substantivas completas (DOOLEY; LEVINSOHN, 2003, p. 160).

Mas assim como existem excelentes produções textuais com referentes bem empregados, que agregam características aos elementos textuais, também existe a utilização equivocada de termos referenciais. É o que observa, por exemplo, o professor Cipro Neto:

Um caso comum de mau emprego dos anafóricos ocorre com o pronome “seu”, potencialmente ambíguo. Em “O rapaz disse à irmã que seu futuro estava decidido”, por exemplo, não se sabe a quem se refere o possessivo “seu” (ao rapaz, à irmã ou aos dois). Nesse caso, o problema pode ser resolvido com o emprego de “dele”, “dela” ou “deles”. (...) Se o anafórico se refere a um termo antecedente, o catafórico se refere ao que será anunciado adiante. Em “A verdade é esta, meus caros: estamos mal-arrumados!”, por exemplo, o pronome demonstrativo “esta” se refere ao que é enunciado em seguida (“estamos mal-arrumados”). É isso (CIPRO NETO, 2004).

Vejamos um exemplo adaptado, extraído do livro “O segredo de Francisco”, que apresenta, a nosso juízo, mau uso (grifos em negrito pela revisora do livro) de expressões anafóricas.

Ex.2 – Ø Enquanto **Fran** puxava conversa, **Narf** consertava **a sua** nave. **Ele** contou tudo sobre a festa na cidade: os carros alegóricos, os doces... Ø **Disse**, ainda, que precisava, pelo menos uma vez na vida, trazer para a casa mais doces do que os **seus** irmãos (ROESCH, 2014).

Nessa frase, foram identificados problemas de retomada anafórica pronominal. Como temos dois substantivos próprios masculinos (Narf e Fran), ao utilizar o pronome *ele*, nesse caso, a autora não designa exatamente a quem quer se referir, deixando a frase com dupla interpretação para o leitor resolver. Na frase seguinte, temos duas possibilidades de retomada referencial para o sujeito oculto de *disse*: *Fran* e *Narf*. O pronome possessivo é gerador de ambiguidade, por isso, ao ser utilizado como termo anafórico requer alguns cuidados. No caso de *sua* e *seu*, os pronomes têm relação tanto com um sujeito quanto com o outro. No caso do emprego de *sua*, a nave tanto pode ser de Fran quando de Narf. O mesmo ocorre com o uso de *seus*, que indica que os irmãos podem ser tanto os de Fran quanto os de Narf. Talvez seja o caso de observar que todos os problemas basicamente dependem da referência do pronome *ele*: uma vez que se resolva este problema, os demais parecem se resolver também. Esse tipo de ambiguidade é semântica e ocorre porque os pronomes podem ter diversos antecedentes, estando relacionada à correferencialidade, explica Cançado (2005, p. 70). Esses pequenos problemas, aparentemente insignificantes, comprometem o fluxo de informação e, em decorrência, a compreensão textual.

Agora vejamos como o texto ficaria se fossem utilizadas as expressões anafóricas de forma adequada.

Ex.3 – Ø Enquanto **Fran** puxava conversa, **Narf** consertava **a própria** nave. **Fran** contou tudo sobre a festa na cidade: os carros alegóricos, os doces... Ø **Disse**, ainda, que precisava, pelo menos uma vez na vida, trazer para a casa mais doces do que os **seus** irmãos (ROESCH, 2014).

Apenas com a substituição do pronome *ele* pelo substantivo *Fran*, que é um elemento conector de sentido, foi possível eliminar as ambiguidades presentes no texto, ficando compreensível para o leitor quem era o personagem-tópico, ou seja, que dava continuidade às ações. A repetição de termo anafórico idêntico, como ocorre no Ex.2 em *Fran*, deve ser evitada, salvo casos em que não se tenha outra alternativa, pois usar o mesmo elemento é considerado disfuncional. Para uma perspectiva mais normativa, é normalmente estigmatizada por “revelar pobreza de vocabulário”.

Em resumo: a escolha dos termos anafóricos e catafóricos apropriados depende, em primeiro lugar, da existência de uma relação semântica de “correferência” (que na verdade abrange vários tipos de relações entre referentes – identidade, inclusão, associação conceitual, entre outras), ou seja, que determinado termo esteja fazendo uma ligação de sentido com um termo presente no contexto esquerdo (anáfora) ou no contexto direito (catáfora); mas também dependem, por exemplo, da possibilidade de incorrer em ambiguidade semântica.

Marcuschi (1946, p. 141) contribui ao dizer que um dos processos para a construção e a continuidade textual é a progressão referencial, que estaria relacionada com a introdução ou evocação, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais.

Vejamos um exemplo de uso de termos referenciais empregado de forma correta pela autora no livro “O segredo de Francisco”. No caso abaixo não há nenhum tipo de ambiguidade e não resta dúvida de que os elementos que seguem estão ali unicamente para dar continuidade referencial ao substantivo *Francisco*. No Ex.4, todos os referentes estão ligados por relações de correferência, portanto, completam o circuito semântico.

Ex.4 – Hum! Atsef? Mais uma palavrinha estranha – pensou **Francisco**, enquanto Ø **observava** pela janela a nave desaparecendo no céu. **Ele** estava intrigado com a linguagem do Narf e, principalmente, com o nome Ocsicnarf (ROESCH, 2014).

Como uma das funções principais do uso dos termos referenciais é organizar o discurso, saber empregar bem cada um deles torna o texto claro e preciso, e isso vale tanto para a fala quanto para a escrita. A colocação inadequada dos termos compromete a compreensão semântica, abrindo precedentes para mais de uma interpretação. Entretanto, Marcuschi observa que “[r]eferir não é uma atividade de ‘etiquetar’ um mundo preexistente extensionalmente designado, mas sim uma atividade discursiva (essencialmente criativa), de tal modo que os referentes passam a ser objetos de discurso.” (MARCUSCHI, 1946, p. 142). Dooley e Levinsohn também enfatizam estes mesmos pontos:

Há duas razões pelas quais precisamos saber como são feitas as referências aos participantes e outras entidades ao longo do discurso: (i) um ouvinte (inclusive o analista) precisa compreender quem está fazendo o que para quem; (ii) um falante precisa saber fazer com que essa informação fique clara aos seus ouvintes, sejam ouvintes ou leitores. A tarefa não é simples, pois as línguas têm padrões diferentes de referência. A boa notícia é que todas elas refletem padrões conhecidos de cognição e organização de discurso (DOOLEY; LEVINSOHN, 2003).

Podemos dizer que “continuidade” é uma das expressões que melhor caracterizam o papel dos termos referenciais, pois essa é a principal função deles: dar fluidez aos elementos de um discurso. Podemos dizer que não é possível fazer referência de forma isolada. Trocando em miúdos, uma expressão referencial só atinge a sua referência concreta quando empregada num discurso.

Isso significa que é essencialmente na interação (interpessoal ou com o texto) que se constrói sentido. Na verdade, a referência é produzida na perspectiva do foco estabelecido. E quando o foco não é estabelecido com clareza, pode haver um desvio de focalização, o que acarreta também uma atribuição referencial inadequada (MARCUSCHI, 1946, p. 140).

Na próxima seção, estudaremos os tipos de anáfora (anáfora associativa, anáfora pronominal, anáfora definida, anáfora resumidora, etc.) encontrados em exemplos extraídos de periódicos.

4. Tipos de anáforas

Os termos anafóricos ou referenciais e a relação de correferência que há entre eles servem para manter a continuidade de significação, assegurando a progressão textual por meio de expressões nominais e a atualização dessas mesmas expressões. A continuidade referencial só acontece quando elementos introduzidos no texto são retomados por meio da escolha do processo linguístico apropriado de referência, seja ele a pronominalização, a definitivização, etc. A partir de agora, estudaremos alguns tipos de anáforas e suas respectivas classificações de acordo com casos que encontramos em diferentes periódicos. Começemos pelo exemplo abaixo:

Ex.5 – Segundo os Serviços de Vigilância Financeira (FSS), **mais de 1,15 milhão de pessoas cancelaram seus cartões desde segunda-feira. O incidente** foi provocado pela detenção de um funcionário de empresa de estudos de solvência, a Korea Credit Bureau (KCB), suspeito de ter roubado informações pessoais de clientes de três companhias de cartões de crédito. Depois, as vendia a empresas de marketing telefônico (ROUBO..., 2014, p. 9).

Que segmento do texto é retomado por *o incidente*? A resposta é: *o incidente* retoma *dezenas de milhares de sul-coreanos lotaram ontem os bancos para bloquear seus cartões de crédito*. No exemplo identifica-se que o termo anafórico *o incidente* resume um segmento correspondente a toda uma frase. Neste caso, temos a presença de uma **anáfora resumidora**, cuja função é retomar um segmento longo, que é sintetizado pelo sintagma nominal.

Observemos agora um outro tipo de processo anafórico:

Ex.6 – Devido a uma derrapagem na estrada, ontem pela manhã, no desfiladeiro entre Oberalp e Sedrun (Grisons), **um carro** fez um mergulho de 160 metros. Ferida nas costas, **a passageira** foi transferida de helicóptero para o hospital regional de Coire, informou a polícia de Grison. Quanto **ao motorista**, ficou apenas levemente ferido (ADAM, 2011, p. 134-135).

Na **anáfora associativa**, o referente pode não ter sido mencionado anteriormente. Nesse tipo de anáfora, Haag e Othero (2003) dizem que o termo anafórico está ancorado em um lexema ou expressão anterior no texto. Para eles, “o termo referente não representa a mesma entidade que o termo a que se refere, por isso não se pode chamar este último de antecedente”. Por isso, os autores optam pelo termo “âncora textual”. É o que podemos analisar no Ex.6: o uso das expressões referenciais definidas (*a passageira* e *o motorista*) remete ao referente inicial *um carro*, introduzido no início do texto, que é considerado a “âncora textual” dos demais referentes; isto é, *a passageira* e *o motorista* dão continuidade referencial ao texto porque estão “ancorados” em *um carro*.

Na pronominalização, a referência ocorre por meio da substituição de um substantivo por um pronome. Para Adam (2011), a **anáfora pronominal** seria “fiel” por não trazer nenhuma nova informação ao contexto, sendo apenas sinal de continuidade. Vejamos o exemplo a seguir:

Ex.7 – Li uma entrevista do doutor Lester Grinspoon para a Folha de S. Paulo. **Ele** é americano, tem 86 anos e é psiquiatra. Leciona na Escola Médica de Harvard (MACONHA..., 2014, p. 2).

Já a definitivização é o processo em que uma expressão indefinida introduz um referente e, depois, a **anáfora definida** faz a retomada, por meio de item lexical idêntico ou quase sinônimo. Vejamos os exemplos grifados em Ex.8: *um homem* < *o homem*.

Ex.8 – **Um homem** desconhecido foi enterrado vivo na cova de um cemitério em Ferraz de Vasconcelos. (...) **O homem** estava muito fraco, tremia muito, estava com frio (VÍDEO..., 2003).

No Ex.8, temos um caso de **anáfora definida fiel**: há relação de identidade de forma entre as expressões anafóricas. De acordo com Adam (2011), ocorre **anáfora definida fiel** sempre que um mesmo lexema é retomado, e **infidel** se não é exatamente o mesmo lexema. No Ex.9 abaixo, temos uma **anáfora definida infidel**, quando se passa de termo específico (hipônimo – *laranja* é hipônimo de *fruta*) para um termo mais geral (hiperônimo – *fruta* é hiperônimo de *laranja*): *uma quadrilha* retomado por *o grupo*.

Ex.9 – A ousadia dos criminosos não tem limite. No início da manhã de ontem, **uma quadrilha** armada roubou um cofre de um posto de combustíveis, na área central de Três Coroas. **O grupo** chegou ao local, situado na avenida João Correa, e rendeu os quatro funcionários que estavam no serviço (ASSALTANTES..., 2014, p. 28).

Finalmente, consideremos o seguinte caso:

Ex.10 – (...) Conheço pessoas que usam a erva há muitos anos. Eu mesmo uso há 40 anos. Posso dizer que se causasse **problemas de memória** a esta altura eu já saberia. De qualquer forma, a literatura médica e a experiência mostram que **essa** perda de memória é temporária, no auge do ‘barato’. E eu a classificaria como uma **distração**. (...) (MACONHA..., 2014, p. 2).

A **anáfora demonstrativa** indica a identificação de um antecedente, de um termo inserido na memória textual e que deve ser retomado. Esse tipo de anáfora opera com a reclassificação do objeto do discurso, “introduzindo um novo ponto de vista sobre o objeto. O demonstrativo funciona como um designador direto que permite a apreensão do referente por intermédio do contexto de enunciação” (ADAM, 2011, p. 142). O uso do pronome demonstrativo *essa* mostra que o problema de memória se tratava de *uma perda de memória* – isto é, de um problema específico, e não de algum outro tipo de problema de memória (por exemplo, sobreposição de memórias, ou lapsos momentâneos, etc.).

5. Análise de casos mal-empregados no livro ‘Anticelulite’

A partir de agora, analisaremos sete exemplos com problemas de correferência localizados no livro “Anticelulite”, de Hexsel (2012). São casos de uso de expressões nominais inadequadas para retomar referentes. Como resultado disso temos a aplicação equivocada de anáforas, sobretudo as pronominais. A ambiguidade semântica aparece em muitos casos como um problema bastante comprometedor da compreensão textual. Vejamos os exemplos:

A1 – Norma ia completar 60 anos no final do mês e iria viajar com o marido para as Ilhas Gregas para comemorar **seu** aniversário dois meses depois.

Na frase não se sabe a quem se refere o possessivo *seu* (a Norma ou ao marido), pois os dois casos seriam plausíveis. Temos, então, duas interpretações distintas para a sentença: uma que Norma ia comemorar o próprio aniversário dois meses depois; e outra que Norma ia viajar para comemorar o aniversário do marido. Temos um problema de anáfora pronominal que gera ambiguidade semântica, pois o pronome tem mais de uma possibilidade de antecedente. Vejamos como ficaria a frase correta:

A1’ – Norma ia completar 60 anos no final do mês e iria viajar com o marido para as Ilhas Gregas para comemorar o aniversário **dela** dois meses depois.

Em A2 abaixo, a complexidade do período gera muitos candidatos para o sujeito de *mostrando*. Um trecho segmentado em períodos menores certamente resolveria o problema. Vejamos:

A2 – Estudos de Qualidade de Vida (QV) vêm permitindo um estreitamento da relação médico-paciente à medida que permitem aos médicos um melhor entendimento da percepção dos pacientes em relação aos **seus** problemas e às **suas** doenças, **mostrando** o que realmente é capaz de modificar ou afetar o comportamento **deles**.

O exemplo A2 apresenta três questões a serem discutidas. A primeira delas é semelhante a A1, pois está relacionada ao mau emprego dos pronomes possessivos *seu* e *sua*, que são geradores de ambiguidade. Na frase, o emprego dos termos anafóricos *seu* e *sua* impede que o leitor compreenda claramente se os problemas e as doenças são dos pacientes ou dos médicos. Ocorre, portanto, um problema de anáfora pronominal. Pelo contexto, a força

maior do antecedente de *seu* e de *sua* recai sobre pacientes, que é o termo mais próximo, aquele empregado antes do pronome.

A segunda diz respeito ao referente do sujeito implícito de *mostrando*. Como podemos notar, o texto apresenta mais de uma possibilidade de retomada, embora a mais plausível para o caso seja *estudos de qualidade de vida*. Nesse caso, a distância entre o referente e a expressão referencial e a inserção de outros referentes ao longo do texto dificultam a correta retomada.

A terceira questão é quanto ao pronome possessivo *deles*. Quando temos termos anafóricos que geram dúvida quanto ao antecedente, os termos seguintes ficam na dependência e acabam gerando novos conflitos na interpretação. Para estabelecer de fato a que termo se refere o pronome possessivo *deles* (médicos ou pacientes), precisamos descobrir antes qual é o termo anafórico de *seus* e *suas*. Ou seja, percebe-se que a continuidade textual depende não somente de um termo ou expressão anafórica, mas de uma correlação de sentido entre os termos. Não adianta somente acrescentar, é preciso relacioná-los semanticamente. Se o leitor precisar fazer muito esforço com idas e vindas no texto para descobrir a quem se refere tal ou tal termo, o papel dos elementos anafóricos não está sendo cumprido. Abaixo segue reconstrução textual que propomos para A2.

A2' – Estudos de Qualidade de Vida (QV) vêm permitindo um estreitamento da relação médico-paciente à medida que permitem aos médicos entender melhor como os pacientes percebem **seus** problemas e **suas** doenças. **Os estudos mostram** o que realmente é capaz de modificar ou afetar o comportamento **dos pacientes**.

Ou seja, o texto melhora quando os instrumentos de coesão são apropriadamente usados. Nas palavras de Dooley e Levinsohn (2003),

ao processar uma determinada expressão referencial, o ouvinte esquadrinhará a sua representação mental para possíveis referentes, fixando-se no que melhor cabe naquilo que está sendo dito. Quando num determinado contexto há mais de um referente plausível, a expressão referencial deve ser mais específica. Em geral, a parte semântica da tarefa referencial prediz que, para uma expressão referente, quanto maior o perigo de ambiguidade, maior material precisaria, ou seja, mais pesada seria a expressão. Geralmente o ouvinte necessita de dados concretos para identificar apenas um dos termos da oração; identificando esse termo, a identificação dos outros fica fácil.

Agora, observe o exemplo A3:

A3 – Apesar de não pretendermos extrapolar esses **resultados** para o mundo, nem sequer para o Brasil, os **resultados** sugeriram que as mulheres brasileiras, talvez pela miscigenação racial e pelas diferentes culturas que hoje estão representadas no nosso país, podem ser consideradas boas representantes do que são hoje **as mulheres** do mundo. E **ela** se preocupa com a celulite.

Nesta frase, podemos identificar dois problemas de retomada anafórica, além disso, temos um problema denexo/sentido. O primeiro deles se refere à repetição de elemento – *estes resultados* por *os resultados*. A autora poderia ter optado por *os números* ou pelo pronome *ele*, em vez de *os resultados*. A repetição de termo não apenas identifica a pobreza de vocabulário de quem escreve, mas também soa mal, simplesmente: não parece bom português escrito. E podemos adicionar que, ao utilizar substantivos, uma boa estratégia é procurar algum conteúdo, mínimo que seja, de informação nova ao texto. Um segundo erro é cometido quando o pronome *ela* pretende retomar o substantivo plural *as mulheres*. A revisora do livro “Anticelulite” pergunta: qual é o referente? O único referente que temos para esse caso é *mulheres*. O pronome *ela* não pode retomar plural. Nesse caso, temos um problema de concordância gramatical entre termo anafórico e antecedente, caracterizando um problema de anáfora pronominal. O texto também está mal construído, caracterizando um problema de coerência entre os períodos. Abaixo, vejamos como ficaria a frase:

A3’ – Não pretendemos extrapolar esses resultados para o mundo, nem sequer para o Brasil, mas eles (nos) **sugerem** que as mulheres brasileiras – talvez pela miscigenação racial e pelas diferentes culturas que hoje estão representadas no nosso país – podem ser consideradas boas representantes do que são hoje **as mulheres** do mundo. E **elas** se preocupam com a celulite.

Façamos agora a análise de A4:

A4 – E tranquilizamos a mãe preocupada, explicando a ela que o corpo de sua filhinha ainda sofrerá diversas transformações até chegar na adolescência, quando ela poderá **tratar**, se a celulite persistir, e, até lá, novos e eficientes tratamentos estarão disponíveis para **trata-la**, se for o caso.

O verbo *tratar* neste caso exige um objeto, ou seja, a retomada de algum referente: tratar de quê ou de quem? Como podemos notar, esse referente não foi informado na frase, caracterizando um problema de anáfora. Há outro problema relacionado: o pronome *la* se refere a que referente (celulite ou filha)? Por ter potencialmente dois antecedentes, vê-se que o pronome *la* não foi bem empregado na frase. Neste caso, faltaram elementos que demonstrassem com mais precisão que referente deveria ser ativado (embora o mais plausível neste exemplo seja celulite). Mas para isso acontecer teria que ter sido escolhido um outro

lexema, de preferência que trouxesse mais informação acerca do referente a ser retomado. Outro ponto pertinente de discussão é que há um problema de categorização do referente: é estranho dizer *tratar da celulite*. O melhor seria: *tratar do problema da celulite*. Abaixo, segue o trecho reescrito:

A4' – E tranquilizamos a mãe preocupada, explicando a ela que o corpo de sua filhinha ainda sofrerá diversas transformações até chegar na adolescência, quando ela poderá tratar **da celulite**, se **essa** persistir, e, até lá, novos e eficientes tratamentos estarão disponíveis para **tratar do problema**, se for o caso.

Considere a análise A5:

A5 – Geralmente, os **programas de tratamento** incluem a aplicação do produto uma a duas vezes ao dia por períodos prolongados (três a seis meses) para que se possa observar algum resultado, sendo que, na maioria das vezes, **os cremes anticelulite** são utilizados associados a outros **tratamentos**, servindo como procedimento auxiliar no **seu** combate. De maneira geral, **eles** são bastante seguros.

Nesse exemplo, temos duas questões a serem discutidas: o pronome possessivo *seu* e o pronome *eles*. Na primeira situação, ao analisar o antecedente do pronome possessivo *seu*, é possível perceber que ele não existe, ou seja, *seu* não se liga a nenhum termo anterior, embora seja possível compreender que o sentido contextual remete para uma relação com *celulite*, termo que não está presente na frase. *Seu* não poderia ter relação anafórica com *cremes anticelulite* e *tratamentos* porque esta não faria sentido (é claro, pelo texto, que o combate não pode ser contra os cremes ou os tratamentos). Na segunda situação, temos o pronome *eles*, que traz as seguintes possibilidades de referentes: *programas de tratamento*, *cremes anticelulite*, *tratamentos*. Embora *tratamentos* e *cremes anticelulite* sejam os referentes mais prováveis, todos eles poderiam ser antecedentes de *eles*. Mas qual, nesse caso, seria o mais plausível de acordo com o contexto? Esses são problemas de anáfora pronominal. Abaixo apresentamos o que nos parece ser uma solução para A5:

A5' – Geralmente, os programas de tratamento incluem a aplicação do produto uma a duas vezes ao dia por períodos prolongados (três a seis meses) para que se possa observar algum resultado. Na maioria das vezes, **os cremes anticelulite** são utilizados associados a outros tratamentos, servindo como procedimento auxiliar. De maneira geral, **eles** são bastante seguros.

Agora, veja o caso de A6:

A6 – Os alimentos calóricos, incluindo os refrigerantes e os doces em geral, favorecem o **ganho de peso** e o **acúmulo de gordura localizada**, fatores que agravam a celulite. Partindo dessas premissas, as versões comuns dos refrigerantes devem ser evitadas devido à grande quantidade de açúcar que contêm, devendo ser substituídos pelas versões *light* ou *diet*.

Temos um problema de anáfora lexical em A6: *ganho de peso* e *acúmulo de gordura* não são fatores, mas processos ou problemas. No uso de *essas premissas*, temos um problema de categorização e clareza, pois *essas premissas* teria de se referir a duas frases. Provavelmente o que o autor tem em mente é *alimentos calóricos favorecem o acúmulo de gordura* e *o acúmulo de gordura agrava a celulite*. Mas como essas frases não estão claramente distinguíveis no trecho que precede *essas premissas*, a referência fica obscura. Das duas uma:

(a) ou se usa um instrumento anafórico que se refira ao trecho precedente de um modo geral:

A6' - Os alimentos calóricos, incluindo os refrigerantes e os doces em geral, favorecem o **ganho de peso** e o **acúmulo de gordura localizada**, processos que agravam a celulite. Por *isso*, as versões comuns dos refrigerantes devem ser evitadas devido à grande quantidade de açúcar que contêm, devendo ser substituídas pelas versões *light* ou *diet*.

(b) ou se reorganiza o trecho de modo que se distinga claramente as “premissas” e o fato de que se está fazendo um raciocínio:

A6'' – **Como se sabe**, os alimentos calóricos, incluindo os refrigerantes e os doces em geral, favorecem o ganho de peso e o acúmulo de gordura localizada; **além disso, também se sabe que** esses processos agravam a celulite. Partindo dessas premissas, **conclui-se que** as versões comuns dos refrigerantes devem ser evitadas devido à grande quantidade de açúcar que contêm, devendo ser substituídas pelas versões *light* ou *diet*.

Finalmente, façamos a análise de A7:

A7 – A celulite não é simplesmente o acúmulo de gordura na pele, mas **esta** tem um papel importante na sua formação e pode ser considerada um dos fatores mais importantes **dessa** condição.

Em A7, temos o mau uso das expressões anafóricas *esta*, *sua* e *dessa*. Para o pronome demonstrativo *esta*, temos dois possíveis referentes: *gordura na pele* e *celulite*. O pronome possessivo *sua*, gerador de ambiguidade, retoma o quê? *Gordura na pele* ou *celulite*? O que o

autor queria dizer, nos parece, era:

A7' - A celulite não resulta apenas do acúmulo de gordura na pele, mas *esta gordura* tem um papel importante na formação *da celulite/dela*.

A aplicação do pronome demonstrativo *dessa* na frase não esclarece quem é o referente. A questão é que o uso da expressão anafórica *dessa condição* (termo do jargão médico para problema de saúde/doença) cria um problema porque não se fala de situação alguma no texto. Talvez melhore se utilizarmos a seguinte construção:

A7'' – **O problema da celulite** não resulta apenas do acúmulo de gordura na pele, mas **esta gordura** tem um papel importante na formação **da celulite** e pode ser considerada uma das causas mais importantes dessa condição/dessa doença.

Considerações finais

Ao produzir este artigo, ficou claro para nós que o estudo das expressões anafóricas merece mais atenção não apenas de professores e estudiosos do tema, mas também daqueles que trabalham, por exemplo, com revisão textual, pois o uso apropriado de elementos anafóricos continua sendo de difícil compreensão para todos os que se dedicam ao texto. Os exemplos mal construídos que foram extraídos de jornais, livros e internet nos mostram textos comprometidos semanticamente: são construções sem nexos, falta de relação de expressões anafóricas com o referente, ambiguidade, etc. Tudo isso compromete a compreensão textual e contribui decisivamente para que o leitor se sinta obstruído e, portanto, perca o interesse pela leitura, pois precisa se esforçar em demasia em idas e vindas que, muitas vezes, não o levam a entendimento algum. Qual é a tendência nesse caso? O leitor vai cansar e... desistir! De nada adianta, por exemplo, um livro muito bem produzido sem um bom conteúdo e, mais, sem ter passado por um profissional – um revisor – que compreenda os meandros da língua e faça os ajustes necessários ao padrão da norma gramatical.

As sete frases analisadas do livro “Anticelulite” foram selecionadas porque apresentavam problemas na estrutura referencial, ou seja, em todas elas faltava algum tipo de

conexão entre referente (evocação/antecedente) e expressão anafórica. Com base nisso, procuramos identificar os problemas e trazer soluções para resolver a compreensão de cada uma das frases. Além disso, também apareceram problemas de coerência. Alguns períodos estavam muito comprometidos, sendo preciso reconstruir toda a frase, além de suprimir alguns termos e trechos. O resultado foram textos mais coesos, claros e sem a presença de ambiguidades.

Referências

ADAM, Jean-Kichel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASSALTANTES forçam vítima a carregar cofre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 28, 28 jan. 2014.

AZEVEDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. 2 ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CIPRO NETO, Pasquale. Anafóricos e catafóricos. **Folha de São Paulo**, 22 jul. 2004. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2207200406.htm> > . Acesso em: 5 jan. 2014.

DOOLEY, Robert A.; LEVINSOHN, Stephen H.. **Análise do discurso**: conceitos básicos em linguística. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GRAMÁTICA normativa. In: IDICIONÁRIO Aulete. [S. l.]: Lexikon Editora Digital, [200-]. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>>. Acesso em: 05. fev. 2014.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel de Ávila. Anáforas associativas: nas análises de descrições definidas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 1, n. 1, ago., 2003. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_1_anaforas_associativas.pdf > . Acesso em: 25 fev. 2014

HEXSEL, Doris et al. **Anticelulite**. Porto Alegre: [s.n.], 2012.

MACONHA e penicilina. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 2, 24 jan. 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 1946.

MONDADA, Lorenza et al. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROESCH, Sylvia. O segredo de Francisco. [S.l.: s.n.], 2014. No prelo.

ROUBO de dados afeta 20 milhões. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 9, 22 jan. 2014.

VÍDEO mostra homem enterrado vivo em cova de cemitério em Ferraz. In: **G1**, 8 nov. 2013. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/vc-no-g1-tvdiario/noticia/2013/11/video-mostra-homem-enterrado-vivo-em-cova-de-cemiterio-em-ferraz.html>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

VITÓRIA tranquila. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 23, 20 jan. 2014.

